

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Sumário

VEÍCULO: O Globo.....	2
Título: De volta para o navio	2
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: Shell põe sua participação de 17% na Comgás à venda	2
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	3
Título: Litro da gasolina é vendido por R\$ 2,99.....	3
VEÍCULO: Valor Econômico.....	4
Título: Destaques	4
Título: Odebrecht Óleo e Gás busca selo Pró-Ética em 2018.....	5
Título: Grupos têm de fixar metas de emissões de CO ₂	7
Título: Curtas	8
Título: Cemig faz nova tentativa de manter hidrelétricas.....	9
Título: Light aguarda oferta firme pela Renova	10

VEÍCULO: O Globo**Seção: Colunas****Autor: Ancelmo Gois****Título: De volta para o navio**

A Transpetro, subsidiária da Petrobras, recebeu um reforço no caixa de 6 milhões de libras (R\$ 25 milhões). É dinheiro roubado por Sérgio Machado, na época em que presidia a estatal, e que está sendo devolvido à empresa dentro do acordo de delação premiada do político peemedebista, muito ligado a Renan.

Esse dinheiro tinha sido aplicado, em Londres, pelo filho de Machado, Expedito Machado Neto.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Seção: Economia****Autor: Mônica Scaramuzzo****Título: Shell põe sua participação de 17% na Comgás à venda**

Fatia da petroleira no negócio é avaliada em cerca de R\$ 1 bi, e já foi oferecida a vários investidores, como o fundo Temasek.

A multinacional Shell pôs à venda sua participação de 17,12% na Comgás, apurou o Estado com duas fontes a par do assunto. O valor da participação minoritária da petroleira no negócio de gás canalizado é estimado em cerca de R\$ 1 bilhão.

Fontes afirmaram que a companhia tem até o terceiro trimestre deste ano para exercer o direito de venda de sua fatia no negócio. A Cosan, do empresário Rubens Ometto Silveira Mello, é controladora da companhia, com 62,66% de participação. O restante das ações da empresa é negociado no mercado ("free float"). Ontem, o valor de mercado da empresa de gás canalizado fechou a R\$ 5,7 bilhões, segundo a Economática.

Segundo uma pessoa familiarizada com o assunto, a fatia da Shell chegou a ser oferecida para o fundo de investimento Temasek, do governo de Cingapura, que avaliou o negócio, mas não teve interesse em adquirir a participação da companhia.

Nos últimos dois anos, a Shell teve a opção de exercer a venda dessa participação, mas não se desfez do negócio. Uma pessoa familiarizada com o assunto afirmou que o grupo Cosan também pode ter o direito de preferência para comprar as ações, mas ainda não há qualquer decisão sobre esse tema.

“Quem decidir comprar a fatia da Shell terá de levar em consideração ser sócio do grupo Cosan”, afirmou outra pessoa.

O grupo Cosan adquiriu o controle da Comgás em 2012, por cerca de R\$ 3,4 bilhões, colocando o grupo fundado por Rubens Ometto no segmento de gás canalizado. Com atuação em quase 180 municípios de São Paulo, incluindo a capital, a Comgás é um dos principais ativos desse setor. Antes da Comgás, a companhia chegou a avaliar a Gás Brasileiro, também com atuação em São Paulo, mas foi adquirida pela Petrobrás.

Parceria antiga. Os grupos Shell e Cosan são parceiros antigos. No início de 2010, as duas gigantes se uniram para criar a Raízen, divisão que reúne os negócios de distribuição de combustíveis e a produção de açúcar e álcool. A parceria com a Shell colocou a Cosan no mapa do mercado de combustíveis do País.

Até então, o grupo de Rubens Ometto era dono da Esso, adquirida em 2008 pela companhia, mas a união com a Shell deu maior musculatura para o grupo, que briga pela vice-liderança com o grupo Ultra, dono da rede de postos Ipiranga. No ano passado, o Ultra comprou a rede Ale, mas ainda depende da aprovação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade). Se aprovada, a rede do grupo Ultra se consolida na vice-liderança em distribuição de combustíveis, atrás da BR Distribuidora, da Petrobrás.

Procurada pela reportagem, a Shell informou, por meio de sua assessoria, que não comenta sobre o status de ações e acordos comerciais potenciais ou em andamento. Comgás, Cosan e Temasek também não se manifestaram sobre o tema.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia

Autor: Marlla Sabino

Título: Litro da gasolina é vendido por R\$ 2,99

As promoções anunciadas pelos postos de combustível estão ajudando a aliviar o bolso dos consumidores da capital. Em média, o litro da gasolina está sendo vendido em Brasília por um valor próximo dos R\$ 3. Na 411 Sul, por exemplo, é possível encontrar o litro do produto por R\$ 2,999. Nos postos Ipiranga e Petrobras da 203 e da 209, próximos ao Eixinho Norte, o valor é de R\$ 3,019. Na Asa Sul, nas imediações da 403, os motoristas podem comprar o combustível por R\$ 3,029.

Enquanto isso, a Petrobras continua seguindo a nova política de preços, que passaram a ter reajustes praticamente diários nas refinarias. A partir de hoje, por

exemplo, a gasolina subirá 1,7%, enquanto o óleo diesel cairá 0,9% nas vendas para as distribuidoras. Alternando altas e baixas, esse movimento, porém, não tem alterado o comportamento dos postos de revenda, que estão disputando os clientes nos centavos.

Os consumidores agradecem. “Eu sempre procuro abastecer nos estabelecimentos em que os preços são mais baixos”, contou a psicóloga Josiane Pelles, 53 anos. Ela disse que, por semana, gasta cerca de R\$ 170 para encher o tanque e afirma que a preocupação de encontrar preços mais em conta tem impacto positivo no orçamento doméstico. “Pensando em quatro semanas, economizo por mês o que seria equivalente a meio tanque”, observou. “Consigo direcionar essa quantia para comprar outras coisas.”

O motorista Salvador Durand Júnior, 45, compartilha os preços baixos com os colegas pelas redes sociais. “Ficamos de olho nas promoções e avisamos uns aos outros. Sempre estou antenado para saber onde o combustível está mais barato. Trabalho com o carro, e isso significa que ganharei mais”, comemorou.

Apesar de usar o preço como principal critério na hora de escolher onde abastecer, Durand se preocupa com a qualidade do combustível. “Já tive problemas uma vez em um posto que passei a evitar. Sempre que percebo algo diferente, consulto meu mecânico”, contou.

Os preços mais baixos da gasolina e de outros combustíveis têm impacto nos indicadores econômicos. Em junho, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por causa, sobretudo, dos alimentos, dos combustíveis e da energia elétrica, houve deflação de 0,23%, a primeira em 11 anos.

No Distrito Federal, a guerra de preços aumentou depois que a Polícia Federal, o Ministério Público e o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) deflagraram uma operação para pôr fim a um cartel entre os postos.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

EDP tem queda no consumo

A energia total distribuída pela EDP Energias do Brasil aos consumidores no mercado cativo recuou 10,7% no segundo trimestre, para 3.438 mil megawatts-hora (MWh), refletindo, principalmente, a baixa de 30,8% no consumo no

segmento industrial. No mercado residencial, porém, a queda foi menor, de 1% no segundo trimestre. Considerando a energia total distribuída, que inclui o transporte aos consumidores livres, por exemplo, houve queda de 0,8% no trimestre, para 6.123 MWh. Segundo a companhia, o principal responsável pela queda no consumo ainda é a migração de clientes do mercado livre para o cativo, motivados pelos preços atrativos verificados ano passado. No entanto, a expectativa de aumento do preço de energia no mercado à vista (PLD) tem feito com que a migração de clientes apresente redução ao longo dos trimestres. No entanto, a expectativa de aumento do preço de energia no mercado à vista (PLD) tem feito com que a migração de clientes apresente redução ao longo dos trimestres.

CPFL ganha executivo

O conselho de administração da CPFL Energia elegeu o chinês Yumeng Zhao para o cargo de diretor-presidente adjunto da companhia. A função será desempenhada até o fim do mandato da atual diretoria-executiva da empresa. Segundo a CPFL Energia, a eleição de Zhao para o cargo não afeta o mandato dos atuais diretores da empresa. Assim, Andre Dorf e Gustavo Estrella permanecem como diretor-presidente e diretor vice-presidente financeiro e de relações com investidores, respectivamente.

Statoil em Carcará

A Statoil se prepara para sua primeira campanha exploratória como operadora no bloco BM-S-8 (Carcará), no pré-sal da Bacia de Santos. Após anunciar a aquisição da fatia de 10% da Queiroz Galvão Exploração e Produção (QGEP) no ativo, a petroleira norueguesa divulgou a assinatura de um contrato com a Seadrill para encomenda de uma sonda para perfurar no local.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito

Título: Odebrecht Óleo e Gás busca selo Pró-Ética em 2018

Incluída na lista da Petrobras de empresas impedidas de serem contratadas pela estatal, a Odebrecht Óleo e Gás (OOG), braço do grupo Odebrecht de afretamento e operação de sondas e plataformas, espera obter em 2018 o selo "Pró-Ética". A certificação, do Ministério da Transparência, Fiscalização e Controladoria-Geral da União (CGU) incentiva empresas a adotar políticas e ações que contribuem para um ambiente de negócios íntegro e reconhece aquelas que preencheram esses requisitos.

"Aplicamos [para o "Pró-Ética"] este ano, muito mais com a expectativa de obter o retorno deles [do Ministério da Transparência] sobre o que precisamos evoluir. Estou bastante confiante de que ano que vem teremos todos os elementos técnicos necessários para que a gente consiga se certificar", disse o diretor de Conformidade da OOG, Nir Lander.

O "Pró-Ética" é uma das metas do seu atual sistema de conformidade, que começou a ser remodelado no último trimestre de 2016, justamente quando foi criada a diretoria de conformidade, com a contratação de Lander, que se reporta diretamente ao conselho de administração da OOG.

A dedicação especial da empresa à área de compliance tem dois grandes motivos. O primeiro é criar um diferencial em concorrências de óleo e gás. O segundo é o esforço da OOG para demonstrar ao mercado em razão dos impactos da investigação da "Lava-Jato" na sua controladora Odebrecht.

A Petrobras ainda mantém 20 grupos econômicos nas investigações da "Lava-Jato" impedidos de participar de suas licitações. Dos 27 grupos incluídos no bloqueio cautelar, entre 2014 e 2015, sete já foram retirados da lista pela estatal. Os casos mais recentes são os da Andrade Gutierrez e Carioca Engenharia.

Embora a OOG não esteja envolvida na "Lava-Jato", ela ainda consta na lista por causa do seu grupo controlador. A saída da "lista negra" é fundamental para sua saúde financeira, já que a estatal é a principal contratante do mercado de óleo e gás do país. Já apresentou o sistema de conformidade para a Petrobras em duas oportunidades.

A empresa, ao mesmo tempo, também passa por uma recuperação extra-judicial, o qual discute dívidas da ordem de US\$ 5 bilhões com seus credores.

Para pôr em prática a nova estratégia de conformidade, a OOG dobrou o orçamento da área, para R\$ 4 milhões anuais, e formou uma equipe multidisciplinar para tratar do assunto. "A maioria das empresas que iniciam o compliance deixa isso dentro do [departamento] jurídico. Mas a parte legal é somente uma perna [do compliance]. Por isso, temos economistas, pessoas de comunicação, contabilidade, engenharia, administração. Temos um universo multidisciplinar para conseguir o [resultado] ótimo no menor espaço de tempo possível", disse Lander.

Dentro do objetivo de acelerar a implantação de medidas de compliance, a OOG foi a primeira empresa do grupo construtor a criar um canal de denúncia, no fim de março. O sistema é operado por um sistema terceirizada, especializada e independente.

Além da política de compliance, outro ponto que se mostra favorável à OOG no momento é o aguardado início de produção no campo gigante de Libra, no pré-sal da Bacia de Santos, por meio de um teste de longa duração (TLD) a ser feito por uma plataforma do tipo "FPSO" afretada por uma joint-venture (50%/50%), formada pela OOG com a norueguesa Teekay.

O primeiro óleo de Libra estava previsto para este mês, porém, a Petrobras, operadora do campo, informou que o processo foi postergado, ainda sem data, devido questões técnicas em um equipamento. A estatal tem 40% do consórcio, junto com a Shell (20%), a francesa Total (20%) e as chinesas CNPC (10%) e CNOOC (10%).

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Henry Sanderson

Título: Grupos têm de fixar metas de emissões de CO₂

As maiores mineradoras de carvão do mundo precisam mostrar como vão reduzir suas emissões de gás carbônico para cumprir as metas climáticas mundiais do Acordo de Paris, segundo um grupo de investidores encabeçados pela Igreja Anglicana.

Apenas duas das 20 maiores empresas de carvão de capital aberto - a brasileira Vale e a Rio Tinto - têm metas de longo prazo para a redução de suas emissões, segundo relatório divulgado ontem pela Transition Pathway Initiative, uma coalizão de fundos de investimento com 34 trilhões de libras esterlinas (US\$ 43,84 trilhões) sob administração.

Três empresas carvoeiras, a DMCI Holdings, a Inner Mongolia Yitai Coal e a Shougang Fushan Resources Group, nem reconhecem a existência das mudanças climáticas, segundo o estudo. O relatório chega depois da entrada em vigor em novembro do Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas para limitar o aquecimento mundial a menos de 2 graus Celsius acima dos níveis pré-industriais.

"Ainda precisamos conseguir avaliar as reduções futuras de carbono dessas empresas em comparação à rota acordada mundialmente, de 2 graus", disse Adam Matthews, diretor de engajamento ético de fundos de investimento e de pensão da Igreja Anglicana, com quase 10 bilhões de libras esterlinas (US\$ 12,9 bilhões) sob administração.

Embora muitos investidores venham evitando o setor de carvão, as ações das empresas produtoras geraram retorno de 38% nos últimos 12 meses, de acordo com o indicado pelo VanEck Vectors Coal ETF.

Os preços do carvão térmico australiano, um referencial do setor, mais do que dobraram em 2016 e chegaram a subir brevemente acima de US\$ 100 por tonelada, depois de a China ter imposto restrições a seus produtores domésticos.

Embora a demanda por carvão esteja em queda no mundo desenvolvido, acredita-se que na China continuará em alta até 2026, segundo a Bloomberg New Energy Finance. Em 2040, o carvão ainda deverá representar até 30% da matriz energética do país, segundo relatório do grupo de análises.

"Não vamos parar de usar o carvão, vamos usar menos", disse Matthew. "Você pode optar por excluir-se desse setor, mas também queremos entender quais dessas companhias estão mais bem posicionadas para administrar essa transição."

Uma maior transparência sobre o que as mineradoras vêm fazendo poderia ajudar os investidores e os responsáveis por elaborar índices a avaliar melhor que empresas vêm lidando com as mudanças climáticas, em vez de simplesmente evitá-las a todas, disse Jon Samuel, chefe de engajamento e desempenho social da Anglo American.

Seria uma pena ver o ativismo impedir "que operadores responsáveis sejam operadores de ativos de [carvão] térmico", disse Samuel.

"É imensamente frustrante do ponto de vista de uma companhia estar envolvido em índices feitos por aí fora com base em indicadores pouco úteis ou em análises pobres de informações que circulam no domínio público", acrescentou.

O estudo, feito pela London School of Economics, avaliou as mineradoras em cinco níveis, com base em 14 perguntas relacionadas às mudanças climáticas.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curtas

Neoenergia faz captações

O conselho de administração da Neoenergia aprovou a realização de captações estruturadas de até US\$ 400 milhões para as subsidiárias Celpe e Coelba. As captações serão realizadas por meio de operação sindicalizada, sendo que cada uma das subsidiárias poderá receber até US\$ 200 milhões. A operação terá prazo de três anos e custo correspondente à taxa Libor acrescida de 2,5% ao ano. Caso o volume obtido seja inferior a US\$ 300 milhões, a taxa será de 1,1%; caso os

recursos superem US\$ 300 milhões, será de 1,2% sobre o volume total. A Neoenergia ainda informa que as contrapartes da operação ainda serão definidas no processo de sindicalização, podendo ser o Banco do Brasil e/ou o Votorantim.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Daniel Rittner e Camila Maia

Título: Cemig faz nova tentativa de manter hidrelétricas

A Cemig entregou à União ontem uma última proposta de acordo ao Ministério de Minas e Energia para manter as hidrelétricas São Simão, Jaguará e Miranda, que devem ser relicitadas pelo governo em setembro deste ano, disse ao **Valor** o presidente da companhia, Bernardo Alvarenga.

No entanto, o governo, por enquanto, descarta a hipótese de voltar a negociar com a estatal mineira, apurou o **Valor**. A equipe econômica já conta com os mais de R\$ 11 bilhões em receitas com a outorga das usinas em um leilão, montante que deve ajudar na redução do déficit fiscal de 2017. Por isso, interlocutores do Ministério da Fazenda rejeitam a possibilidade de rediscutir a conveniência de fazer ou não o leilão. "É impossível", afirma uma fonte, de maneira taxativa.

Alvarenga entregou a proposta ontem, em uma reunião com o ministro de Minas e Energia Fernando Coelho Filho e com o secretário-executivo da pasta, Paulo Pedrosa, em Brasília. O executivo, no entanto, não quis revelar qualquer aspecto da oferta. "Preserva os interesses da Cemig e atende às necessidades da União, mas não seria muito delicado falar neste momento", disse ele.

Ele avisa que, se não houver acordo, manterá um "arsenal de ações" para evitar nos tribunais entrega das concessões. Ele citou o Supremo Tribunal Federal (STF), o Superior Tribunal de Justiça (STJ) e o Tribunal de Contas da União (TCU) como frentes que a empresa pretende explorar. "Não sei como [potenciais investidores] vão enxergar isso para participar do leilão. Esse leilão pode dar vazio", disse Alvarenga.

Apesar do risco jurídico relacionado ao leilão, o **Valor** apurou que o certame deve sim atrair interessados, principalmente pelo fato de ser a última oportunidade para investidores que queiram concessões de geração de energia de longo prazo com contratos livres de risco hidrológico.

A Cemig não aceitou renovar as concessões das hidrelétricas em 2012 no então recém-criado regime de cotas, estabelecido pela Medida Provisória (MP) 579. O argumento da estatal mineira sempre foi que os contratos de concessão davam direito à renovação automática por mais 20 anos. Por isso, vem brigando na

Justiça e operando as usinas por meio de liminares nos últimos cinco anos. No início deste ano, o jogo virou, o governo derrubou as liminares no STJ e retomou as concessões, com o plano de relicitá-las em setembro.

Uma consequência desfavorável ao governo é que o risco jurídico deve ser precificado no leilão, e um eventual ágio arrecadado pela União pode ser achatado. Ainda assim, dificilmente o leilão será "vazio".

As usinas serão licitadas em contratos de 30 anos e no regime de cotas, mas com preços mais atrativos do que os de 2012 (que remuneravam apenas a operação e manutenção das usinas). Estar no regime de cotas significa não ter o risco hidrológico (medido pelo fator GSF, que é repassado aos consumidores nesses contratos).

Como o governo lançou uma consulta pública prevendo o fim do regime de cotas e a relicitação dessas usinas sem contratos de longo prazo atrelados, as usinas da Cemig podem ser as últimas grandes hidrelétricas leiloadas no modelo antigo, com geração de fluxo de caixa estável e baixos riscos.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito e Camila Maia

Título: Light aguarda oferta firme pela Renova

A gestora canadense Brookfield deve apresentar nas próximas semanas uma proposta firme pela compra da fatia de 17,17% que a Light tem na Renova Energia, de acordo com uma fonte com conhecimento do assunto.

Segundo a fonte, a Brookfield segue interessada em ter o controle da Renova. A ideia é fazer um aumento de capital na companhia renovável, que não deve ser acompanhado pela Cemig, que tem 34,15% da empresa. Assim, sua fatia será diluída.

A fatia da Light poderia ser comprada em uma operação direta ou também nesse processo de aumento de capital. O modelo ainda não está totalmente definido.

O presidente da Renova, Carlos Figueiredo, disse ao **Valor** que as conversas entre as áreas técnicas das duas companhias seguem normalmente. "Da parte que cabe à Renova, das tratativas técnicas, nada mudou, muito pelo contrário. Continuamos tendo as conversas normalmente", disse ele.

Segundo Figueiredo, são conversas "construtivas" com a equipe da Brookfield, enquanto as duas equipes se alinham para uma possível integração.

As conversas entre as empresas estão acontecendo há algum tempo, mas ainda é necessário o aval da oferta da canadense pelos conselhos da Cemig e da Light. Da parte da Renova, a operação perdeu urgência depois que a companhia conseguiu vender o complexo eólico Alto Sertão II para a AES Tietê por R\$ 650 milhões, e sua participação na TerraForm Global também para a Brookfield.

Ontem, as units da Renova caíram 1,29%, a R\$ 7,66, depois que a "Reuters" informou que as negociações com a Brookfield tinham perdido força.

MME / ASCOM